

Direita, Volver!

Uma análise dos movimentos políticos juvenis de direita no Brasil.

Paulo Victor Teixeira Pereira de Melo¹

Bárbara Oliveira Lamounier²

Lucas Matos Valadares³

Resumo:

A comunidade acadêmica brasileira tem se empenhado sobremaneira na investigação dos mais variados fenômenos relacionados ao pensamento e aos movimentos ligados à esquerda no Brasil. No entanto, historicamente, o lado oposto do espectro político tem sido bastante negligenciado pela literatura. Apesar de recentes publicações em jornais, revistas e sites de notícias acerca de diversos grupos de estudos, partidos (ainda não formalizados, mas em processo de legalização) e movimentos conservadores recém-surgidos, dentro e fora das universidades, pouco se tem estudado sobre o pensamento e a militância direitista brasileira entre os jovens.

Tendo em vista a urgência de se aprofundar na análise da direita no Brasil, o presente artigo tem por finalidade empreender um primeiro esforço para traçar um perfil da juventude direitista brasileira, de modo a contribuir para a ainda iniciante discussão sobre essa importante brecha nos estudos recentes no Brasil. Para tanto, utilizaremos dados da pesquisa “Jovem Século XXI”, realizada pelo instituto DATAFOLHA, da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, promovida pelo Instituto Cidadania em parceria com o Instituto de Hospitalidade e com o Sebrae, além da análise de discursos de militantes e líderes de diversos movimentos e grupos conservadores, bem como um estudo do conteúdo dos sites destes mesmos movimentos e grupos.

Desta maneira, pretendemos elaborar um retrato inicial, abrangente da juventude direitista nacional, procurando identificar quem são estes jovens, como se posicionam a respeito de temas centrais à direita, tais como o aborto, o homossexualismo e as drogas, o que pensam em relação à política, economia e comportamento, quem são suas influências e quais são suas ambições e interesses no cenário político nacional.

¹ Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador do Grupo Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral.

² Graduada em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduanda em Gestão Pública na Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais.

O conservadorismo é um dos fenômenos políticos mais longevos da história brasileira. Paulo Mercadante (1972), no clássico “A consciência conservadora no Brasil”, atesta as raízes históricas da mentalidade conservadora do brasileiro, isto é, aquela que não se dispõe a grandes mudanças, muito pelo contrário, afeiçoa-se muito mais com a continuidade temporal e a preservação das tradições do que com as súbitas rupturas e descontinuidades históricas.

Partidos localizados à Direita têm ressurgido superando velhos padrões coronelistas e dando espaço à convivência democrática e a tolerância política, o que abriu espaço e possibilitou a maior inserção destes na disputa política.

O conservadorismo no Brasil desfruta de uma longevidade que não tem sido um assunto bastante tratado pela literatura nacional. À exceção da obra acima citada, é pouco conhecida e pequena a bibliografia sobre a direita brasileira. Por outro lado, é vasto o número de publicações sobre os mais variados fenômenos da esquerda, recentes e antigos. Apesar do grande número de grupos conservadores recém-surgidos entre a juventude brasileira terem sido bastante divulgados pelos principais jornais, revistas e sites de notícias nacionais², não encontramos nenhum artigo com essa temática, embora admitamos que tal fenômeno seja assaz recente. Posto isto, nosso propósito é realizar um primeiro esforço na tentativa de decifrar os movimentos que tentam revigorar a direita brasileira.

O presente artigo tem por finalidade estudar alguns dos diversos movimentos direitistas recém-surgidos no Brasil, dentro e fora das universidades, com a peculiar característica de serem, quase em sua totalidade, fundados e integrados por jovens. Seleccionamos os movimentos que nos pareceram os mais organizados, os mais bem estruturados, com propostas e objetivos bem delineados e certa coesão entre seus membros. Não fosse esse “critério de seleção”, trataríamos aqui de uma enorme quantidade de movimentos, grupos de estudo e de debate, organizações e associações culturais – todos eles claramente enquadrados na direita política – formados por jovens das mais variadas regiões do Brasil, cujas ideias se articulam e se difundem por meio da divulgação via internet. E a internet parece ser o ambiente em que mais se encontram esses grupos. Contudo, muitos desses movimentos deixaram de ser exclusivamente “virtuais” e tornaram-se “físicos”, com imóveis-sede, reuniões periódicas e objetivos bastante concretos. Uma vez constatada a similaridade entre tais grupos¹, sobretudo no que se

refere ao motivo de terem optado pela direita, acreditamos poder traçar - a partir da análise de sete organizações por nós selecionadas – um panorama da nova direita brasileira.

Com o objetivo de elaborar um retrato inicial e abrangente da juventude direitista nacional, procuraremos identificar quem são esses jovens, o que defendem, por que optaram pela direita, o que pensam em relação à política, economia e comportamento e quais são suas ambições no cenário político nacional. Trataremos de sete movimentos. São eles: a “nova ARENA”, o Partido Federalista, o Partido Libertários (LIBER), a Resistência Nacionalista (RN), a União Conservadora Cristã (UCC), a Juventude Conservadora da UNB (Universidade Nacional de Brasília) e o Movimento Endireita Brasil. Ressaltamos que nosso objetivo não é perscrutar cada um desses movimentos para elaborar uma análise individual e aprofundada, mas sim realizar um esforço inicial no sentido de identificar, de maneira abrangente, suas causas, seus valores e suas finalidades. Em suma, tentaremos fazer um retrato panorâmico de um cenário recente, complexo e ainda confuso.

Dado a natureza dos grupos estudados, dividimo-los em duas categorias: os de caráter “político” e os de caráter “moralista”. Na categoria “político” enquadram-se os movimentos com claros objetivos de integrarem a política nacional, seja criando um novo partido seja mediante o incentivo de candidaturas a cargos públicos por parte de seus membros. São eles: a ARENA; o Partido Federalista; o Partido Libertários; a Resistência Nacionalista; o Movimento Endireita Brasil. Os de caráter “moralista”, por sua vez, são aqueles que não têm caráter político-partidário, objetivam, exclusivamente, a retomada, a revalorização da moral conservadora-cristã no Brasil. São eles: a União Conservadora Cristã; a Juventude Conservadora da UNB.

Desde já, admitimos a dificuldade de encontrarmos informações sobre tais movimentos. Em virtude da reduzida literatura sobre o assunto, os dados e as informações por nós obtidas foram retiradas da análise de discurso e de conteúdo de notícias, reportagens, entrevistas e dos sites e blogs dos próprios movimentos analisados. Ademais, utilizamos dados de survey³ realizado em 2010 pelo Grupo Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral, publicado no artigo “Condutas políticas, valores e voto dos eleitores jovens de Belo Horizonte” de TELLES e DIAS (2010); da pesquisa “Jovem Século XXI”, realizada pelo Instituto DATAFOLHA e da pesquisa “Perfil da Juventude

Brasileira”, promovida pelo Instituto Cidadania em parceria com o Instituto de Hospitalidade e com o Sebrae.

Antes do estudo dos atuais movimentos é necessária a elucidação sobre o conceito de conservadorismo, bem como o de direita e como este é utilizado no contexto político brasileiro. Tem de se lembrar da importância que o espaço político brasileiro é plural e consiste em diversas designações de grupos e movimentos. Além dos dois lados, direita e esquerda, é possível situar as diferentes forças políticas às vezes com poucas variações entre elas, - o centro, o centro-direita, o centro-esquerda, os extremismos da esquerda e da direita.

O termo conservador é tratado em muitos casos de forma pejorativa, entretanto, este mesmo termo em algumas correntes pode ser interessado como uma forma de engrandecimento. Fato é, que no Brasil atual, o político chamado de “conservador” é logo retirado de cena, dado a carga depreciativa que este termo adquiriu ao longo dos anos no cenário político brasileiro. Talvez por sua imediata associação à direita que, por seu turno, no imaginário político nacional, liga-se automaticamente ao passado ditatorial. Basta ver as 32 legendas hoje em atuação no país, nenhuma delas se auto intitula conservadora.

De imediato, é necessário colocar que o conservadorismo não possui um livro-guia ou qualquer obra que o esclareça de maneira definitiva ou categórica. Seus “dogmas” são, na maioria das vezes, depreendidos de propostas e formulações documentadas da prática de grupos conservadores (CARVALHO, 2005). “Em geral, não contém a mentalidade conservadora, por si própria, predisposição teorizante” (MERCADANTE, 1972: 217). Assim, os preceitos do conservadorismo podem ser captados de obras que procuram sintetizar a tradição e a genealogia do pensamento e ação conservadoras, tal como no “The Conservative mind: From Burke to Eliot”, de Russel Kirk (1953). Kirk enumera uma série de princípios determinantes da mentalidade conservadora, que usamos aqui para caracterizar o conservadorismo. São eles, sucintamente:

QUADRO I – Princípios do conservadorismo

Ordem moral	Um conservador crê que existe uma ordem moral duradoura. Esta ordem é feita para o homem, e o homem é feito para ela: a natureza humana é uma constante e as verdades morais são permanentes. Esta palavra ordem quer dizer harmonia. Há dois aspectos ou tipos de ordem: a ordem interior da alma e a ordem exterior do Estado. O problema da ordem tem sido uma das principais preocupações dos conservadores desde que a palavra conservador se tornou um termo político.
Costume, convenção e continuidade	O conservador adere ao costume, à convenção e à continuidade. Os conservadores são defensores do costume, da convenção e da continuidade porque preferem o diabo conhecido ao diabo que não conhecem. Eles creem que ordem, justiça e liberdade são produtos artificiais de uma longa experiência social, o resultado de séculos de tentativas, reflexão e sacrifício. A necessidade de uma mudança prudente está na mente de um conservador. Mas a mudança necessária, redarguem os conservadores, deve ser gradual e discriminativa, nunca se desvencilhando de uma só vez dos antigos cuidados.
Princípio do pré-estabelecimento	Os conservadores com frequência enfatizam a importância do <i>pré-estabelecimento</i> – ou seja, as coisas estabelecidas por costume imemorial.
Princípio da prudência	Toda medida política deveria ser medida a partir das prováveis consequências de longo prazo, não apenas pela vantagem temporária e pela popularidade.
Princípio da Variedade	Conservadores defendem que para que seja preservada uma diversidade sadia, devem sobreviver ordens e classes, diferenças em condições materiais e várias formas de desigualdade.
Princípio da imperfectibilidade	A natureza humana sofre irremediavelmente de certas falhas graves, bem conhecidas pelos conservadores. Sendo o homem imperfeito, nenhuma ordem social perfeita poderá jamais ser criada. Tudo o que podemos esperar razoavelmente é uma sociedade que seja sofrivelmente ordenada, justa e livre, na qual alguns males, desajustes e desprazeres continuarão a se esconder. Buscar a utopia é terminar num desastre, dizem os conservadores: nós não somos capazes de coisas perfeitas.
Liberdade e Propriedade	Conservadores estão convencidos de que liberdade e propriedade estão intimamente ligadas. Separe a propriedade do domínio privado e Leviatã se tornará o mestre de tudo. Sobre o fundamento da propriedade privada, construíram-se grandes civilizações.
Comunidades voluntárias	Os conservadores promovem comunidades voluntárias, assim como se opõem ao coletivismo involuntário. Na verdadeira comunidade, as decisões que afetam de forma mais direta as vidas dos cidadãos são tomadas no âmbito local e de forma voluntária.

Contenção do poder	O conservador percebe a necessidade de uma prudente contenção do poder e das paixões humanas. Restrições constitucionais, freios e contrapesos políticos (checks and balances), correta coerção das leis, a rede tradicional e intrincada de contenções sobre a vontade e o apetite – tudo isto o conservador aprova como instrumento de liberdade e de ordem.
Estabilidade e mudança	O conservador é a favor de um razoável e moderado progresso; ele se opõe ao culto do progresso, cujos devotos creem que tudo o que é novo é necessariamente superior a tudo o que é velho.

Em suma, conservador é aquele que se contrapõe às mudanças bruscas, às inovações, e se apega à tradição e à manutenção do sistema político e da ordem social, embora aceite mudanças graduais que não conduzam a abalos sociais (OZAÍ DA SILVA, 2010). O princípio do conservadorismo é essencial para a compreensão dos movimentos estudados neste trabalho, dado que são estes em muitos casos movimentos que buscam a volta de uma sociedade mais “antiga” segundo alguns pensamentos. E como isso gerar uma sociedade mais “correta”.

Deste modo, após ter caracterizado o “pensamento conservador”, vai-se ater à análise do estudo do conceito “constructo” direita e esquerda e seus usos na política e no Brasil.

Não se deve partir do pressuposto de que toda direita é, no mundo contemporâneo, conservadora, assim como também não podemos afirmar categoricamente que toda esquerda é socialista. O que devemos antes é delimitar o conhecimento sobre estas terminologias e saber como aplicar ou usa-las. O primeiro tópico é voltar a origem do uso da terminologia.

A classificação referente à oposição entre direita e esquerda originou-se nas reuniões, às vésperas da Revolução de 1789, da Assembleia Nacional francesa. Nela, à direita do rei, sentava-se a nobreza, e à esquerda, o Terceiro Estado, composto pela burguesia e pela massa camponesa. Assim, a direita se identificava com posições aristocráticas, tradicionalistas e monárquicas; e a esquerda com posicionamentos democráticos, liberais, nacionalistas e, pelo menos potencialmente, republicanos. Nesse período, posicionar-se à esquerda era ser a favor da Revolução e, portanto, de uma mudança radical na sociedade; e estar à direita significava colocar-se contra ela.

[...] No limite, à esquerda, estariam os revolucionários; à direita, os reacionários, defensores intransigentes de um retorno, completo ou parcial, ao passado. (NEVES:2005:7).

Este primeiro uso da terminologia é desenvolvido por Bobbio (1995), que procura demonstrar que esta divisão tradicional não se extinguiu, definindo também algumas características para os termos que auxiliaram a compreensão conceitual entre elas. Com o pressuposto de que dimensões explicativas são necessárias para a explicação dos termos desenvolvidos na política.

O autor acredita que, tanto no debate político quanto no âmbito da pesquisa científica, o espaço político mais utilizado é justamente o da dimensão esquerda-direita. Acredita-se que a dimensão esquerda-direita desempenha um papel importante na disputa eleitoral, pois facilita e torna mais simples a escolha por parte dos eleitores, facilitando a comunicação entre os partidos e eleitores mais eficaz.

Bobbio, também define algumas características para a esquerda e a direita. O autor rememora Lipset que afirma que o “divisor de águas entre esquerda e direita está na atitude favorável ou não às políticas de mudança do *status quo*”, acrescentando que a esquerda tende há uma atitude mais favorável à igualdade do que a direita. Mas, isso não significa que a esquerda seja sempre igualitária sobre todas as coisas e que a direita nunca o seja sobre coisa alguma.

As desigualdades - e a respectiva visão da igualdade - face às quais direita e esquerda se demarcam tanto, podem ser tanto de caráter natural, quanto de caráter social. Mas a esquerda tende a considerar que a maior parte das desigualdades é de caráter social, enquanto a direita enfatiza o seu aspecto natural.

A diferença entre direita e esquerda não se manifesta sob forma de tensão entre uma igualdade de direita e uma igualdade de esquerda, mas com base no diverso modo em que é concebida respectivamente pela direita e pela esquerda, a relação entre igualdade e desigualdade. (...) a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção. Disso se segue que, para essa pessoa, qualquer forma de desigualdade precisa ser de um modo justificada, ao passo que, para a pessoa de direita, vale exatamente o contrário, ou seja, que a desigualdade é regra e que, se alguma relação de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada. (Bobbio:1995: 95,96).

No Brasil, por outro lado, há certa peculiaridade em relação ao critério de distinção entre esquerda e direita. Nos países com democracias anteriores a brasileira, europeias e

americanas persiste a clássica clivagem esquerda-direita apontada anteriormente - a esquerda propõe mudanças na direção da igualdade (mesmo que seja necessária a confrontação da ordem e a redução da liberdade) e a direita procura freá-las justamente em nome da ordem e da liberdade -, no Brasil tal cisão não ocorre desta maneira.

Singer (2000) argumenta que a divisão entre esquerda e direita no Brasil não se dá em função da afeição ou ojeriza à igualdade, mas sim no modo de atingi-la. “Devido ao tremendo impacto da desigualdade sobre o conjunto da sociedade, pode-se dizer que o igualitarismo tornou-se uma espécie de ideologia nacional, não sendo, portanto, o grande divisor de águas entre esquerda e direita (...)”. (SINGER, 2000:147). O real corte esquerda/direita no Brasil ocorre na dicotomia igualdade e ordem. Enquanto a esquerda procura atingir a equidade por meio de mobilizações sociais e confrontações com o Estado (ainda que isso represente um perigo de desestabilização da ordem), a direita brasileira imagina uma transformação social vinda do Estado, isto é, de cima para baixo, sem qualquer tipo de abalo às estruturas mais tradicionais da sociedade. Neste sentido, a direita nacional não é avessa às reformas sociais, pelo contrário, apoia-as desde que não apresentem risco à ordem.

Percebe-se, portanto, que esta “direita populista” (SINGER, 2000) caracteriza-se por simpatizar-se com as mudanças sociais em direção à igualdade desde que estas sejam realizadas pelo Estado. Significa dizer que, segundo Singer, diferentemente da direita clássica, a brasileira não é contrária à intervenção do Estado na sociedade, aceita-a – e às vezes procura até exacerbá-la – em função de uma espécie de vezo pela manutenção das estruturas sociais.

O vínculo entre pensamento conservador e valorização do Estado aparece com clareza na análise de Giddens (1996, p.35): ‘o que o velho conservadorismo defendia? De maneira sucinta ele defendia a hierarquia, a aristocracia, a primazia da coletividade, ou do Estado, sobre o indivíduo, e a importância proeminente do sagrado’. Mais adiante, Giddens assinala que o conservadorismo não é contra as mudanças, mas sim contra o fato de que elas sejam realizadas à revelia da tradição. (SINGER, 2000: 155-156)

Em suma, na argumentação de Singer, a direita brasileira, historicamente, se difere da esquerda em função do apreço à autoridade estatal como meio transformador da realidade social, isto é, atua no sentido de produzir a igualdade, mas evita qualquer abalo à ordem.

Mainwaring, Meneguello e Power (2000), apresentam outras características da pauta política conservadora brasileira. Segundo os autores, estas quando comparada as pautas dos partidos de centro e de esquerda, apresentam várias distinções características, como: Políticas econômicas neoliberais; são mais conservadores quanto às questões como segurança pública, aborto e moral familiar; possuem maior penetração eleitoral entre as camadas mais populares; seus eleitores são pessoas mais idosas e com menor nível de escolaridade, se inserindo mais em pequenos municípios e regiões subdesenvolvidos.

Os partidos de direita são altamente ideológicos no sentido de se aliarem de forma vigorosa e defenderem um conjunto coerente de políticas. Além disso, Pesquisas legislativas realizadas por Timoty Power⁴ mostram que elites políticas claramente distinguem os partidos conservadores dos demais, além disso, esses partidos podem ser facilmente identificados através da análise das votações legislativas⁵.

Apesar dessa oposição claramente perceptível, existe uma relutância dos políticos em se auto classificarem como direita, não se apresentando ao público com uma forma altamente ideológica, o que difere dos partidos de esquerda que se apresentam de forma satisfatória quando de auto classificam ideologicamente⁶.

Mainwaring *et all*, apresentam ao final uma diferença importante entre os partidos conservadores brasileiros e a concepção clássica. Os partidos conservadores brasileiros podem ser dividido em duas famílias. Um primeiro grupo que é composto pelo que eles denominam como “face elitista” que é mais próxima da concepção apontada acima, ou seja, uma direita mais programática. A outra família partidária de direita é composta por uma “face popular”. Esta face é composta com uma forma mais clientelista, personalista e populista. Estas famílias de direita são identificadas até geograficamente no Brasil. Enquanto a “face elitista” é encontrada em grandes cidades e na região sul e sudeste, a “face popular” é identificada nas classes mais baixas e na região norte e nordeste.

Como já ressaltamos, os partidos conservadores são a família política mais longeva do Brasil (Mainwaring *et all*, 2000), estando presente desde a fundação política brasileira – a Declaração da Independência – com os partidos Conservador e Liberal. Na atual

⁴ Timoty J. Power, *The Political Right in Postauthoritarian Brazil: Elites, Institutions, and Democratization*.

⁵ Fato que pode é comprovado por Melo e Santos (2012) que ao analisar uma serie de pesquisas com as elites políticas do Congresso Nacional e os deputados de 12 Assembleias Legislativas encontram dados parecidos com os elencados por Power.

⁶ Fenômeno da “direita envergonhada”.

democracia, pode-se falar que os conservadores obtiveram sucesso, visto que em três eleições presidenciais tiveram candidatos que promoveram agendas voltadas para políticas econômicas conservadoras, e partidos de centro se redirecionando para posições mais conservadoras, incluindo o surgimento de uma bancada religiosa com discurso conservador. E tendo todos os governos adquiridos apoio dos partidos de direito no Congresso Nacional.

Com base nas concepções de direita apresentado anteriormente fica o desafio analítico para este trabalho: os movimentos juvenis estudados a seguir se assemelham com a direita presente no Brasil – Popular ou Elitista – ou apresenta uma nova vertente. Antes que respondamos a esta pergunta, faremos um panorama do conservadorismo na juventude brasileira.

Estudos apontam que o brasileiro, de modo geral, é bastante afeito aos valores tradicionais da moral cristã, e comumente não adere com facilidade aos princípios da “pós-modernidade”. O Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 mostra que a imensa maioria da população brasileira possui alguma religião, sendo a maioria católica (64,6%) e parte evangélica (22,2%). Ao todo, 86,8 % dos brasileiros têm religião. Claro está que tamanha adesão às religiões se reflete na conduta dos indivíduos, levando-os a optarem por comportamentos e valores conservadores. É o caso, por exemplo, do posicionamento dos brasileiros em relação ao aborto e ao homossexualismo. Nishimura (2004) aponta um percentual de apenas 11,5% da população favoráveis ao aborto; Alberto Carlos Almeida (2007) demonstra que 81% dos brasileiros é totalmente contra o homossexualismo masculino, e 78% é totalmente contra o homossexualismo feminino.

A juventude brasileira, embora menos apegada aos valores tradicionais defendidos por seus pais, também apresentam significativa adesão à religião e seus princípios. A partir da análise da pesquisa “Jovem Século XXI” realizada pelo Instituto DATAFOLHA em 2008 e publicada em julho do mesmo ano na Folha de São Paulo⁷, podemos constatar uma significativa aversão da juventude em relação aos valores “progressistas”. Segundo a pesquisa, 72% dos jovens brasileiros são contra a discriminação da maconha; apenas 12% é a favor da legalização do aborto e 37% se auto-localiza à direita do espectro

⁷ <http://acervo.folha.com.br/fsp/2008/07/27/536/>

político, enquanto 23% se dizem de centro e 28% de esquerda⁸. Quando perguntados sobre o grau de importância de determinados “itens”, 99% dos entrevistados classificaram a família como “importante ou muito importante”; 97% classificaram o trabalho como “importante ou muito importante” e a mesma classificação 81% dos jovens atribuíram à religião, enquanto há dez anos esta porcentagem era 5 pontos menor. Em suma,

o jovem brasileiro de hoje dá mais valor a religião, estudo, trabalho e família do que há dez anos e pensa de forma muito parecida com o restante da população sobre a descriminalização da maconha, a redução da maioria penal, a pena de morte e a lei do aborto (...) (LOBATO, 2008)⁸

Em outra pesquisa, realizada pelo Instituto Cidadania, Instituto Hospitalidade e Sebrae, denominada “Perfil da Juventude brasileira”, exposta no livro “Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional”, novamente a juventude nacional se mostra adepta dos valores conservadores: 52% é contra a legalização da união de pessoas do mesmo sexo, 63% prefere relações amorosas estáveis, contra 36% que preferem as eventuais; a grande maioria confia em instituições tradicionais: 98% confia na família, 75% na Igreja Católica, 67% nas Forças Armadas, 66% na Polícia Militar, ao passo que a minoria acredita em movimentos sindicais (por exemplo, 48% confiam no Movimento dos Sem Terra -MST).

Telles e Dias (2010), com base em survey realizado em 2010 em Belo Horizonte, corrobora o posicionamento conservador da juventude brasileira, desta vez destacando os jovens belo-horizontinos. É perceptível o crescimento, na capital mineira, das igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais, embora a religião católica ainda seja a com maior número de adeptos: 44,4% dos jovens belo-horizontinos são católicos e 32,4% são evangélicos. 70% são favoráveis ao ensino religioso nas escolas e para 81% a religião é importante em suas vidas. 46,4% é contra a união de pessoas do mesmo sexo, contra 40,2% a favor; 68,6% é contra a eutanásia e 66,4% é contra a legalização da

⁸ Como apontado por Telles e Storni (2011), os eleitores podem não saber o conteúdo ideológico dos conceitos esquerda e direita, de modo que sua opção por um ou outro pode ocorrer por motivos que não sejam o apreço aos valores e ideias relacionadas à esquerda e à direita propriamente dito. No entanto, como constatado pelos demais dados apresentados, é forte o conservadorismo da população brasileira.

⁸ <http://acervo.folha.com.br/fsp/2008/07/27/536/>

maconha. Quando questionados sobre as ações mais importantes do governo, “manter a ordem” ficou em segundo lugar, escolhido por 23% dos entrevistados.

Embora sejam eminentemente conservadores e se auto localizem, em sua maioria, na direita política, certos setores da juventude brasileira caracterizam-se por uma forte adesão ao progressismo e à esquerda. São aqueles com alta escolaridade. No Brasil, quanto maior a escolaridade maior a propensão a adotar valores progressistas e a se posicionar a esquerda do espectro político (SINGER, 2000). De fato, é bastante conhecida a predominância do pensamento marxista nas universidades brasileiras, sobretudo a partir da ditadura militar, quando a esquerda passou a dominar diversos setores da cultura nacional (SINGER, 2012)⁹. Deste modo, inseridos neste contexto de hegemonia marxista, tais jovens – com ensino superior completo ou em andamento – teriam absorvido os princípios da ideologia de esquerda e, assim, se distanciaram dos valores defendidos pelo restante da juventude brasileira (a maioria sem curso superior). Por este motivo, surpreende o surgimento de inúmeros movimentos direitistas ligados, principalmente, a jovens que frequentaram ou frequentam o ensino superior. São estes os movimentos aqui estudados. Todas as sete organizações analisadas foram fundadas tanto dentro quanto fora das universidades, mas todas elas são formadas por jovens com alta escolaridade.

Por fim, antes de iniciarmos o estudo dos movimentos propriamente dito, é preciso destacar e explorar uma de suas características mais marcantes, e talvez aquela que mais defina o caráter direitista destas organizações: o conservadorismo. Embora a classificação “direita” não esteja necessariamente vinculada ao conservadorismo, este é um atributo que lhe é um tanto quanto peculiar.

Como dito, dividimos os movimentos em dois grupos: “políticos” e “moralistas”. Durante o trabalho de análise dos conteúdos de notícias, reportagens, entrevistas, sites e blogs, percebemos uma diferenciação do discurso proferido pelos integrantes dos movimentos e acabamos por classificá-los.

Os movimentos de caráter moralista apresentam um discurso com certo viés de “libertarismo”, pois eles deixam muito claro os valores e predicados morais. Um traço comum no discurso dessas lideranças é a ênfase no antipartidarismo. Apresentam um discurso autonomista e uma prática comprometida com suas crenças.

É bom que se ressalte que, muito mais do que uma prática efetivamente existente, a autonomia e independência fazem parte do discurso proferido pela maioria dos integrantes desses movimentos. O objetivo é se diferenciarem dos esquemas tradicionais de fazer política, bem como representam uma crítica àqueles que se deixaram cooptar pelos partidos políticos. Os integrantes dos movimentos dizem ter uma visão negativa sobre os partidos e são totalmente descrentes quanto à representativa desses.

Por outro lado, temos movimentos vindos da juventude conservadora que tem a pretensão de se tornarem partidos legalmente constituídos ou de elegerem seus representantes. O discurso proferido por essas lideranças já tem um caráter mais político-econômico, com um viés moral menos claro, possuindo um discurso mais homogêneo.

MOVIMENTOS DIREITISTAS – “POLÍTICOS”

ARENA

Idealizado e liderado por Cibele Bumbel Baginski, estudante de Direito da Universidade de Caxias do Sul (RS), o movimento que visa refundar a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) é um dos mais avançados no processo de legalização da legenda junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Com o intuito de participar das eleições de 2014, a “Nova ARENA” publicou em 13 de novembro de 2012 o programa e o estatuto partidário no Diário Oficial da União (DOU) e, agora, seus 144 membros-fundadores, espalhados por 15 estados brasileiros, buscam pelas 491 mil assinaturas necessárias para concluir o processo de registro e legalização no TSE.

Fundado entre 2011 e 2012 - a data é imprecisa, uma vez que não obtivemos acesso ao site do movimento, que se encontrava “em manutenção” durante todo o processo de feitura do presente trabalho -, a nova ARENA tem por finalidade contrapor àquilo que Cibele Baginski chama de hegemonia da esquerda na política nacional. Em entrevista ao Portal Terra em julho de 2012, Baginski afirma que a “nova ARENA responde a um cenário em que a política brasileira está desmoralizada, com trinta siglas em atividade entre as quais não existe partido de direita”. Segundo a estudante, “existem centristas, um tanto governistas, na sua maior parte social-democratas (como o PSDB) ou liberais (como era o PFL, hoje Democratas, e o PP). O perfil do nosso partido não é focado no liberalismo. Como programa, a gente não defende o Estado mínimo nem o Estado

máximo, porque o Estado máximo seria implantar uma ditadura aos moldes comunistas e marxistas, e o Estado mínimo seria simplesmente criar um anarquismo”. Neste contexto de ausência de oposição ideológico-partidária à esquerda, a ARENA se apresentaria como uma alternativa no lado oposto do espectro político: a “direita democrática”.

Em notícia publicada em novembro de 2012 no Portal G1, Baginski ressalta o interesse em “promover o retorno da ‘verdadeira direita’ ao cenário político brasileiro”. Segundo a estudante, seu partido procura resgatar o conservadorismo, o nacionalismo e o tecnoprogressismo. No programa da nova ARENA, publicado no Diário Oficial da União, há propostas de redução da maioridade penal dos 18 para os 16 anos; de reaparelhamento das Forças Armadas Nacionais, modernizando-a e ampliando seu quadro efetivo; de retorno das disciplinas de Educação Moral e Cívica e Latim ao currículo escolar; de modificação no ensino de história do Brasil e história geral, eliminando qualquer tipo de enviesamento ideológico; de abolição de quaisquer sistemas de cotas raciais e sociais; de privatização do sistema penitenciário; de defesa do “Estado necessário”, onde o estado teria poder sobre as empresas fundamentais ao controle da nação (embora quais empresas sejam essas não são citadas em nenhuma das entrevistas analisadas). Como afirma Baginski, “hoje em dia o sistema penitenciário não está funcionando na mão do Estado (...). Então, o que nós defendemos é uma coisa chamada ‘Estado necessário’, o que funciona na mão estatal, ótimo, o que não funciona, ou privatiza ou transforma numa autarquia de economia mista”¹⁰.

Não obstante, como consta no Estatuto do partido, a nova ARENA será dirigida pelo “Conselho Ideológico”, o órgão mais forte da estrutura do partido. Caberá a ele fiscalizar e ingerir todos os demais órgãos e observar o cumprimento das diretrizes do partido por seus membros. Além disso, ficará a cargo do conselho a regulação das tendências ideológicas que surgirem entre seus integrantes e dos acordos com outros partidos. Desde já, Baginski afirma que a ARENA “não coligará com partidos que declaram em seu programa e estatuto a defesa do comunismo, bem como vertentes marxistas”¹¹.

Quando perguntada sobre as similaridades de seu partido com a ARENA de 1965 – partido conhecido por apoiar a ditadura militar e, por isso, vincular-se ao histórico de torturas, perseguições e assassinatos deste período da história brasileira –, Baginski

explica: “No período pós-64, havia a ARENA, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e o governo. O que o governo ou o que os eleitos fizeram são atos dessas pessoas, não dos partidos – porque eles não têm autonomia jurídica para torturar ninguém, censurar ninguém, matar ninguém. Foi o sistema que fez, e não o partido. O partido político faz política, que é outra coisa”. E completa: “O partido não foi o executor, e com certeza a tortura é uma coisa muito errada (...), mas o partido, em si, fazia política”¹².

Embora admita que há militares e políticos da antiga ARENA interessados em participar do novo partido, Baginski afirma que a nova ARENA “rechaça a possibilidade de atrair grupos extremistas, com tendências fascistas ou neonazistas (...). “Não viemos flertar com o totalitarismo. Nosso partido não é uma seita. Quem não tem capacidade de dialogar, pode pegar a mala e ir embora. Somos a direita democrática”¹³.

PARTIDO FEDERALISTA

Outro partido em processo de formação e legalização junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) é o Federalista. Após a publicação do estatuto e do programa no Diário Oficial da União (D.O.U.) em 16 de abril de 1999, o Partido espera alcançar as 491 mil assinaturas até julho de 2013. Presente em 17 estados brasileiros, o Partido Federalista pretende disputar as eleições de 2014 e propor uma nova Constituição Federal para o país.

Thomas Korontai, fundador do partido, acredita que o principal problema do país é o modelo centralizador do Estado brasileiro. O excesso de centralização do poder na esfera federal seria o principal responsável pela corrupção, pela excessiva burocracia, pela má gestão dos impostos – o que se reflete nos péssimos serviços prestados pelo governo -, pela desigualdade social e pela pobreza. Segundo documento publicado no site do Partido:

Entendemos que o peso que sufoca a prosperidade de cada um no Brasil é a concentração de poder que sempre existiu no país. Nós a conhecemos através de seus sintomas de sempre: corrupção, obras super-faturadas e um excesso de burocracia que consome mais dinheiro de impostos do que os próprios serviços que deveriam estar prestando. Essa desordem se faz possível, atualmente, graças a Constituição de 88. Queremos portanto, de forma ordenada e legal, propor um novo texto constitucional que avance ainda mais a democracia e a ordem institucional brasileira, fazendo o

Estado mais presente na vida de cada cidadão naquilo que é realmente necessário, enquanto ao mesmo tempo restaura a cada um o poder de compra, o poder de decidir que vida vai querer viver.⁹

O cerne das propostas do Partido Federalista, portanto, é a descentralização do poder. Seus integrantes, majoritariamente jovens universitários e recém-formados no ensino superior, pretendem modificar a estrutura estatal brasileira, atribuindo maior autonomia aos estados da federação, multiplicando os centros de poder, aproximando-o da população, de maneira a ampliar os meios de fiscalização e reduzir a corrupção, além de tornar mais eficiente a gestão pública e atender às necessidades da população.

No programa do Partido Federalista, é bastante enfatizado o interesse em preservar a liberdade dos indivíduos e em executar ações que resultariam em uma menor interferência do “Poder Central” na vida dos cidadãos. Neste sentido, a principal bandeira do partido - aquela que, ao mesmo tempo, tocava em todos os problemas crônicos do país e reduziria a ingerência do Estado na vida privada dos indivíduos – é a mudança da Constituição, com o intuito de adotar, de fato, o federalismo no sistema político brasileiro. No programa do Partido, constam, dentre outras, as seguintes propostas:

QUADRO II - Propostas do Partido Federalista

Política	Economia
Adoção da concepção do Estado Democrático Federativo, exercido em função das escolhas majoritárias, desde que resguardadas as autonomias política, administrativa, tributária, legislativa e judiciária dos Estados e Municípios.	Respeito integral ao direito de Propriedade; Garantia do funcionamento da Economia de Mercado, numa sociedade de livre iniciativa, desburocratizada ao máximo possível.
Concessão, aos Estados Federados, de acordo com suas peculiaridades e na forma pela qual a Soberania Popular democraticamente manifestada referendar, da competência de legislar sobre matérias de direito civil, penal, tributário, previdenciário, trabalhista, administrativo.	Eliminação, por parte do Governo da União, de impostos declaratórios e progressivos, inclusive o Imposto de Renda, eliminando-se toda a tributação na cadeia produtiva, desonerando a produção, ampliando-se sobremaneira a capacidade de consumo, de produção, de geração de empregos.

Fonte: Site do Partido. Elaborado pelos autores.

O Partido ainda conta com o Instituto Federalista (IF), uma associação cultural, fundada em 2005 e sediada em São Paulo (SP), cujo objetivo é apoiar o Partido Federalista na difusão de seus projetos e princípios, além da:

⁹ Disponível em < <http://www.movimentofederalista.org.br/federalista.htm>>;

(...)elaboração de estudos, projetos, ensaios e até projetos de lei (...). Dessa forma, busca-se colocar objetividade no planejamento e solução dos graves problemas nacionais, estaduais, locais e, por que não citar, individuais, uma vez que, é sobre o indivíduo que recai todo o peso das consequências de tais problemas¹⁵.

PARTIDO LIBERTÁRIOS

O Partido Libertários (LIBER) surgiu a partir de discussões em fóruns e comunidades na internet com o intuito de difundir os preceitos do libertarianismo no Brasil. Seus fundadores e filiados, jovens universitários e recém-graduados, pretendem formar um partido diferente de todas as 32 siglas atualmente existentes. Presidido por Carlo Rocha, advogado e membro do Comitê Executivo do movimento “Estudantes pela Liberdade”, o LIBER foi fundado em 2009 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Logo em seguida, em 2010, foi publicado o estatuto e o programa no Diário Oficial da União (D.O.U.). Recentemente, com presença em 9 estados e sede em Brasília, começaram o processo de coleta de assinaturas para finalizar o registro do partido no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Defensores do libertarianismo, os integrantes do partido criticam a atual ingerência estatal na vida dos cidadãos, a concentração do poder na federação, e não nos estados e municípios, o excesso de impostos, de burocracia estatal e a ineficiência das empresas/indústrias estatais. Contrários a qualquer intervenção nas decisões particulares dos indivíduos, apoiam a ampliação das liberdades individuais, a defesa da propriedade privada, a máxima redução do Estado e a privatização de todos os setores da economia. Como consta no site oficial do partido:

O Libertarianismo defende a maximização das liberdades individuais, devolvendo às pessoas o direito de determinar a condução de suas vidas e de realizar suas escolhas de acordo com suas próprias consciências, desde que sem iniciar agressão contra terceiros, possibilitando, assim, o pleno desenvolvimento de suas capacidades e felicidade.

O Libertarianismo abomina qualquer intervenção violenta na vida e nas escolhas das pessoas, seja ela promovida por outros indivíduos ou por grupos. Ademais, sempre que o estado viola o direito dos indivíduos de dispor do próprio tempo e de seus bens, o resultado é desastroso – miséria, escassez e guerras. Assim, o LIBER acredita que em um Livre Mercado de bens e ideias, todos os indivíduos são beneficiados,

independentemente de sua aptidão física, classe social ou grau de instrução”¹⁶.

Semelhante ao Partido Federalista, o LIBER defende uma significativa mudança na organização do Estado brasileiro. São favoráveis ao federalismo e, portanto, apoiam a descentralização administrativa, objetivando atribuir autonomia aos estados e municípios. Deste modo, pretendem reduzir a carga tributária e a corrupção. Ainda de maneira análoga aos federalistas, são defensores ferrenhos da liberdade individual; a principal bandeira do partido é a defesa dos direitos individuais, dentre os quais, segundo o LIBER, o mais essencial é o direito a propriedade. Seguindo a linha da defesa da liberdade individual, apoiam a descriminalização das drogas, dos jogos de azar, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a liberdade de imigração e emigração, o fim do alistamento militar e do voto obrigatórios. Ao mesmo tempo, são favoráveis à privatização de todos os setores da economia e ao fim da prestação de quaisquer serviços públicos. Educação, saúde, infra-estrutura, sistema penitenciário e a segurança dos cidadãos, para o LIBER, deveriam ser retiradas da mão do Estado e serem ofertadas exclusivamente pela iniciativa privada. Em suma, o conjunto de propostas do Partido LIBER, conforme consta no programa partidário, pode ser visualizado no quadro abaixo:

QUADRO III - Propostas do Partido LIBER

Organização do Estado	Direitos individuais	Sistema econômico
Descentralização administrativa e real federalismo	O direito de propriedade é o direito individual essencial.	Eliminação dos controles de salários, preços, aluguéis, lucros, produção e juros; fim do favorecimento público a setores privados da economia; fim do controle monetário com extinção do Banco Central.
Simplificação dos impostos; fim da progressividade tributária e das cobranças em cascata; Retirada do Estado da prestação de serviços públicos, tais como educação, saúde, infra-estrutura, administração presidiária, entre outros	Descriminalização do uso de drogas; legalização de jogos de azar; união civil entre quaisquer cidadãos e liberdade de formas do casamento; fim do alistamento militar obrigatório; fim da discriminação oficial estabelecida pelas cotas raciais; garantia do direito à posse e porte de arma	Plena liberdade econômica; fim dos monopólios estatais; privatização das empresas públicas e sociedades de economia mista; fim da interferência governamental nas relações trabalhistas com total liberdade entre as partes; liberdade de organização sindical; livre mercado com circulação de bens, produtos e serviços

Fonte: Site do Partido. Elaborado pelos autores

RESISTÊNCIA NACIONALISTA

Sob a liderança de Antônio Silva, ex-integrante do grupo skinhead “Carecas do Subúrbio”, o movimento Resistência Nacionalista (RN), que se autocaliza na extrema-direita do espectro político, tem por objetivo “expandir o ideal nacionalista e torná-lo acessível ao grande público”⁹. Embora ainda não tenham iniciado os procedimentos legais para tornar o movimento um partido político (o que é, segundo Antônio Silva, um de seus objetivos), os integrantes da Resistência Nacionalista formam um grupo de estudos com sede em São Paulo e representações em Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, Ceará e Amazonas. Participantes ativos das passeatas pró-Jair Bolsonaro (realizada em abril de 2011) e de diversos protestos contrários à discriminação da maconha, a Resistência Nacionalista completa sete anos de existência em 2013. A RN também “tem um trabalho com jovens da periferia (de São Paulo) que recebem aulas de artes marciais, conceitos morais e têm acesso à biblioteca da organização”¹⁷.

Assim como os demais movimentos direitistas aqui apresentados, a RN critica os trinta partidos brasileiros existentes e, não se sentindo representados por nenhum deles, procuram “desestabilizar a hegemonia da esquerda no Brasil” criando uma verdadeira oposição a todos eles.

Não existem partidos de direita no Brasil, por mais que um ou outro manifeste por vezes um discurso mais conservador em determinados pontos, isso trata-se sempre de alguma estratégia de ocasião, basta uma rápida leitura dos estatutos partidários para compreender esse fato(...).¹⁸

Apoiando-se em pesquisa que procuram identificar os valores defendidos pelos brasileiros, Antônio Silva, em entrevista ao Portal IG, argumenta que a população não é representada pela classe política do país. Enquanto “todos os partidos brasileiros têm base na esquerda”, a população se mostra direitista, uma vez que é conservadora e tem forte apego aos valores tradicionais da família cristã.

Críticos ao “relativismo moral” da sociedade pós-moderna, os integrantes da RN defendem o retorno aos valores sólidos da moralidade cristã. Defensores ferrenhos da família tradicional, são contra o casamento homossexual e o aborto (sem qualquer tipo de restrição, isto é, são contrários a todo tipo de aborto em qualquer circunstância). Segundo o líder do movimento, não são fascistas nem neonazista, já que acolhem negros e nordestinos (Antônio Silva nasceu em Pernambuco e migrou para São Paulo aos três anos de idade). Embora

vejam com respeito alguns grupos neonazistas, argumentam que entre eles e a RN existe uma “diferença ideológica abissal”. Por fim, Antonio Silva afirma que é contra a violência gratuita em qualquer circunstância, mas acredita que ela “é necessária em diversos aspectos”, como na defesa do país a inimigos externos. Em entrevista, Silva afirma:

Por mais que o estilo de vida da sociedade pós moderna seja tentador em um momento inicial, todo esse conforto covarde e liberalismo promiscuo são anti-naturais e provocam a médio prazo uma desestruturação física e emocional grave no indivíduo, creio que ao colher tais frutos do pós-modernismo a reação natural do indivíduo seja justamente procurar alicerces e bases mais solidas e naturais para sua vida(...)

Creio que prezar pela estrutura familiar esteja no topo dos valores morais da direita atualmente, justamente pelo fato da instituição familiar estar sofrendo graves ataques, e como todos sabemos a Família é a base da sociedade, desestabiliza-la é fundamental em qualquer processo de dominação social totalitária, podemos ressaltar outros valores fundamentais também, que devido ao relativismo moral tem sofrido assédio constante, dentre eles, Justiça, Prudência, Fortaleza, Temperança etc...¹⁹

MOVIMENTO ENDIREITA BRASIL

Por fim, um outro movimento, fundado e integrado por jovens de todo o Brasil, se destaca pela rapidez com que vem ganhando adeptos e sobretudo por ter chegado ao poder recentemente com um de seus líderes, Ricardo Salles. O Instituto Endireita Brasil, fundado em São Paulo em 2006 e sediado em Fortaleza, é uma associação apartidária que se articula principalmente pela Internet. Seu objetivo é “difundir o ideário conservador e de direita”¹⁶ no país. Embora não tenham a intenção de formar um partido, buscam interferir no cenário político nacional mediante palestras, cursos, livros, seminários e outras atividades que mostrem à população o que é ser de direita e o que defendem os conservadores. Além disso, objetivam “promover a capacitação e formação de agentes e profissionais, em áreas de natureza pública ou privada, com vistas à execução de políticas sociais e de estado(...)”.

Gastão de Souza Mesquita Filho, um dos fundadores do movimento, acredita que “houve uma demonização da direita no Brasil, e isso nós (o Endireita Brasil) queremos corrigir. Queremos reabilitar o nome ‘direita’”.²⁰ Seguindo a mesma linha dos demais movimentos aqui analisados, o Endireita Brasil critica a intervenção do estado na vida dos cidadãos, os perniciosos tentáculos estatistas na economia, as altas taxas de impostos, a excessiva

burocracia e questionam os avanços alcançados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) ao longo de seus dez anos na presidência da república.

No site do movimento²¹ é possível ver uma série de artigos e reportagens sobre os mais variados assuntos, de informações acerca do próximo conclave da Igreja Católica à críticas tenazes ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua sucessora Dilma Rousseff, todas elas tendo como ponto de partida, é claro, o viés direitista do movimento. Deste modo, o Endireita Brasil consegue reunir na internet uma série de jornalistas, acadêmicos, militares e jovens (em sua maioria graduados no ensino superior) que articulem o pensamento direitista brasileiro. Defensores da livre iniciativa, do mercado livre das intervenções estatais – o Estado mínimo – os integrantes do Endireita Brasil classificam o movimento como “direita liberal” e pretendem modificar as bases ideológicas daqueles que se encontram no poder através de cursos e palestras e, alguns de seus membros-fundadores, objetivam se candidatar a cargos políticos. É o caso de Ricardo Salles, presidente do Endireita Brasil, que em 2006 se candidatou a Deputado Estadual pelo então Partido da Frente Liberal (PFL) e em 2010 a Deputado Federal pelo mesmo partido, cujo nome foi modificado para Democratas (DEM). Embora não tenha sido eleito em nenhuma das duas tentativas, recentemente (março de 2013) foi nomeado secretário particular de Geraldo Alckmin (PSDB- SP), governador de São Paulo. Segundo reportagem da Folha de São Paulo, Ricardo Salles possui uma série de vídeos em seu blog (que não conseguimos acessar por estar aberto somente a convidados) em que se posiciona contra o casamento homossexual e classifica o Movimento dos Sem-Terra (MST) como criminoso. Nas palavras de Ricardo, citadas na Folha de São Paulo:

“Em outro vídeo, Salles afirma que o casamento de pessoas do mesmo sexo ‘contraria os princípios da família’. Em um terceiro, intitulado ‘Tudo aos bandidos do campo’, critica o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra”.

É totalmente antinatural (adoção por casais homossexuais). Eu não concordo com isso (...) O conflito que pode gerar numa criança ser criada por um casal homossexual é muito grande.”

“O MST é um movimento criminoso. Não é um movimento social, ao contrário do que diz o governo. Eles têm treinamento das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), dinheiro público desviado através de ONGs”

(Sobre a lei da Anistia) “Esses que estão no poder, que no passado sequestraram e mataram pessoas na tentativa de instaurar no Brasil uma ditadura de esquerda, querem o revanchismo (...)”²²

MOVIMENTOS “MORALISTAS”

UNIÃO CONSERVADORA CRISTÃ - UCC

Movimento idealizado e liderado por estudantes da Universidade de São Paulo (USP) com objetivo de disputar o Diretório Central dos Estudantes. O movimento tem pouco mais de dois anos de criação, conta com 16 membros, sendo 14 da USP e 2 na UNICAMP. Seus fundadores são: Celso Zenaro, aluno da Geografia, e Arthur Quindos, ex-aluno da História, atual aluno de Ciências Sociais. Foi fundado em Agosto de 2010 e é visto como a extrema-direta da USP.

Em entrevista a Revista Época¹ denominam-se como conservadores cristãos, antirrevolucionários, monarquistas, defendem valores como o casamento, a fidelidade conjugal, direito à propriedade e combatem o predomínio do pensamento marxista no meio acadêmico e político. Opõem-se a tudo que não esteja ligado as tradições.

A UCC obteve o apoio de 217 pessoas e ficou em sexto lugar durante a disputa do DCE da USP. Os estudantes acreditam que os DCEs sempre foram dominados pela esquerda sofrendo sérias influencias de partidos como o PCdoB e o PSOL, o que seria para eles uma preocupação dentro da universidade. Segundo entrevista ao Jornal do Campus da USP os líderes do movimento afirmam:

Pudemos confirmar in loco como o movimento estudantil daqui camufla suas reais intenções na militância estudantil para o eleitor comum. Os participantes do movimento estudantil fazem um discurso falando das questões de infraestrutura da Universidade, de defasagem na contratação de professores. Sabemos muito bem que eles não estão preocupados com isso. Estão preocupados em promover a revolução mundial, destruir o Estado de Israel, com o movimento feminista e gay, e coisas do gênero. Na prática, o desenvolvimento deles com o DCE é pura representação ideológica. Os cursos vão continuar sem professores, a infraestrutura vai continuar precária. A esquerda aqui, em geral, domina muito bem uma retórica que, se você tentar dissecar, vai ver que é completamente vazia. Mas o estudante destreinado nessas técnicas acaba se deixando influenciar.

Os estudantes abortam temas como o aborto e a legalização da maconha em suas manifestações. Segundo o estudante Pedro Henrique Barreto, de 21 anos, entrou em depressão ao procurar respostas sobre a questão do aborto – diz que a reflexão político-religiosa o salvou. “Somos movidos pela castidade. Deus nos mandou ser assim”.

Na mesma entrevista ao Jornal do Campus esses estudantes afirmam que o que os motivaram a criar a UCC foi formar um grupo para mostrar que existe uma oposição à ideologia de esquerda, que segundo eles é a única estudada dentro da universidade, não havendo uma representação conservadora na USP.

Os Estudantes dizem não se sentir representados pela Direita e não acreditam que existe uma direita forte no Brasil: “. Se a direita for o PSDB, é claro que vão nos classificar como extrema direita. Mas, em Ciência Política, extremismo é tudo aquilo que prega a violência como método de ação política. Como as pessoas ignoram isso, não temos nenhum temor de sermos chamados de extremistas. Vemos até como uma reação natural, dadas as referências parcas que as pessoas têm. Somos conservadores cristãos, e isso é tudo.”

O Cristianismo é principal fonte de conhecimento e inspiração desse grupo, afirmam: “Não pregamos uma verdade absoluta que deve ser aplicada a todos os povos, mas a conservação do nosso legado civilizacional e seu sustentáculo maior, o cristianismo”.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB:

A Juventude Conservadora da UNB nasce também diretamente ligada aos movimentos estudantis e a partir disso disputam as eleições para o DCE e vencem, quebrando com a tradição de esquerda dentro do Diretório central estudantil na UNB.

Seu fundador é Felipe de Oliveira Azevedo Melo, estudante de Administração da Universidade de Brasília. Felipe criou um blog¹ com o objetivo de difundir suas idéias e compartilhar seu pensamento conservador.

não tinha por objetivo ser um agente político *ipsis litteris*, mas dar voz a alguém que fazia parte de uma realidade esquecida, achincalhada e, às vezes, oprimida dentro da universidade. Os textos que publiquei jamais refletiram somente a minha opinião pessoal, mas a de muitas outras pessoas com as quais converso e convivo diariamente na universidade.

Seu principal objetivo é acabar com o monopólio da esquerda dentro da universidade e se diz contra toda forma de proposta, segundo eles de viés libertário, dentro da UNB.

É importante destacar que o DCE da UNB, assim como outros nas diversas universidades, sempre foram liderados pela esquerda e sempre tiveram ligações com partidos como PSTU, PSOL E PCdoB. A Juventude Conservadora da UNB diz não

seguir nenhuma diretriz partidária, assim como não se sente representada por nenhum partido de direita brasileiro.

Seus integrantes defendem parcerias com a iniciativa privada, a defesa da presença policial dentro da universidade, são contra o Homossexualismo e a legalização da maconha e lutam principalmente pelo fim da hegemonia marxista na universidade.

QUADRO IV - Propostas da Juventude Conservadora da UNB para o DCE:

Implantação de um sistema parlamentarista para o DCE. A ideia é que cada centro acadêmico eleja um representante para compor a "assembleia".
Defesa de parcerias público-privadas na pesquisa acadêmica.
Melhoria da infraestrutura da universidade. O projeto envolve a reparação de salas de estudo e de laboratórios e o fornecimento de papel higiênico e de toalhas de papel em todos os banheiros.
Criação de um parque tecnológico.
Apoio às empresas juniores.
Aumento de concessões para a instalação de lanchonetes e de papelarias no campus.
Defesa da presença policial na universidade para garantir a segurança da comunidade

Fonte: Site do Movimento. Elaborado pelos autores.

CONCLUSÃO

Os movimentos aqui estudados são inovadores, não propriamente pelo conjunto de ideias e valores por eles defendidos (que remontam a séculos atrás, como é o caso do pensamento conservador atrelado ao catolicismo), mas por terem surgido em um ambiente com forte predominância da ideologia marxista (as universidades brasileiras), por terem sido fundados e serem integrados pelo setor da população brasileira que normalmente tende a defender valores progressistas e esquerdistas (a juventude com altos níveis de escolaridade) e por se posicionarem ao lado direito do espectro político, que no âmbito da política partidária brasileira se encontra em franca decadência desde que a esquerda chegou ao poder.

Deste modo, dado o ineditismo destas sete organizações, nos propusemos a fazer uma análise inicial, uma espécie de apresentação dos valores e ideias desta “nova direita brasileira”, sem o intuito de focar em um ou outro movimento em particular, mas sim destacar o conjunto de princípios e propostas defendidas por estes grupos.

Pela análise dos movimentos, podemos constatar que todos eles surgiram em função de motivos similares e possuem, de certo modo, valores parecidos. Todos os sete surgiram motivados por uma aversão ao marxismo, pela defesa do capitalismo e pela repulsa à intervenção do estado na sociedade. Todos eles, com exceção do LIBER, criticam o progressismo e são apegados à moralidade conservadora cristã (sobretudo católica). É também bastante comum, no discurso destes jovens direitistas, o descontentamento com os partidos brasileiros. Os integrantes destes movimentos não se sentem representados por nenhuma legenda e dizem não haver direita partidária no Brasil (a exceção do Movimento Endireita Brasil, que tem membros filiados ao DEM e ao PSDB). Da mesma forma, criticam as universidades brasileiras por não ensinarem nem apresentarem pensadores “direitistas”, “conservadores”, e sempre concentrarem nos autores marxistas.

Se nos tempos da ditadura, com a direita no poder, ser de esquerda era ser ousado, revolucionário, hoje, por outro lado, com a esquerda no poder e com a cultura ocupada pelos marxistas, ser de direita é inovador. Contudo, fica a pergunta: são estes movimentos a mesma “direita populista”, historicamente conhecida no Brasil, ou se aproximam mais da “direita clássica”, comum nos países capitalistas centrais? Embora não tenhamos condições de fazer uma análise aprofundada, dado o caráter inicial do presente artigo, a nosso ver, alguns movimentos se aproximam mais da “direita clássica” e outros da “direita populista”.

Após realizada a análise dos discursos, percebemos que os movimentos com caráter mais partidário, são eles: ARENA, Endireita Brasil, LIBER e o Partido Federalistas e o Resistencia nacionalista, se aproximam mais da “direita populista” já conhecida dentro do espaço político brasileiro. Apesar de não acreditarem na representatividade dos partidos de direita que estão hoje no poder, seus líderes não apresentam propostas muito destoantes da atuação da direita no Brasil.

Esses movimentos propõem a parceria público-privada, autonomia dos municípios frente o executivo, não são a favor de programas sociais e pretendem discutir outras questões de caráter político-econômico.

Já movimentos como UCC e a Juventude conservadora da UNB, apoiam seu discurso principalmente em questões da “direita clássica”.

Esses movimentos se baseiam principalmente nos princípios conservadores tradicionais, para eles as questões morais são de extrema importância para se fazer política com viés direitista. Acreditam nos valores familiares e cristãos, possuem um discurso mais agressivo em relação a temas caros a contemporaneidade como o Aborto, descriminação da maconha e o casamento homossexual.

A interferência de questões morais baseadas no conservadorismo clássico é norteador no discurso desses movimentos o que gera interferência em suas propostas. Podemos concluir que movimentos sem pretensão de chegar ao espaço político, se permitem ter um discurso mais agressivo em relação às questões morais do conservadorismo clássico, já movimentos com pretensão de atuar no espaço-político possuem um discurso mais próximo da “direita populista”, pois é um discurso já conhecido pela população e menos inovador, com um caráter mais homogêneo em relação ao discurso de outros partidos.

BIBLIOGRAFIA:

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. 1º Ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRUCIO, F. L. **Os Barões da Federação: os governadores e a redemocratização brasileira**. Hucitec/USP. São Paulo. 1998.

AFFONSO, Rui. **Os municípios e os desafios da federação no Brasil**. São Paulo em Perspectiva. 10(3) 1996; p.p. 2 – 10.

ALCÁNTARA, Manuel. **Partidos Políticos en América Latina: Precisiones conceptuales, estado actual y retos futuros**. Edita: CIDOB edicions, 2004a.

_____: **La ideología de los partidos políticos latino-americanos**. Trabalho apresentado no Seminario de Investigación de Ciencia Política. Universidad de Salamanca, 2004b.

ALCÁNTARA, M; FREIDENBERG, F. **Partidos Políticos de América Latina: cono sur**. Ediciones Universidad Salamanca, 2001.

ALDRICH, John H. **Why Parties? The origin and transformation of political parties**. In: _____ America University of Chicago Press, 1995.

ALMEIDA, Alberto C. **A cabeça do brasileiro**. 2º Ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

BAQUERO, M. e VASCONCELOS, C. **Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos antipartidarismo no Brasil**. Trabalho apresentado no V Encontro do COMPOLITICA. 2013.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.

CARVALHO, M. Bernardete O. Ser conservador. **Revista espaço acadêmico**, n.º 50, Julho 2010.

KIRK, Russell. **The conservative mind: from Burke to Eliot**. 70º Ed., Washington, D.C.: Regnery Publishing, 2001.

KIRCHHEIMER, Otto. A transformação dos sistemas partidários da Europa Ocidental. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 7. 1966; 2012

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel; POWER, Timoty. **Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases**. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

MAINWARING, S & SCULLY, T. Party Systems in Latin America. In:_____ MAINWARING, S & SCULLY, T.(eds.). **Building Democratic Institutions: Party Systems in Latin America**. Stanford, CA: Stanford University, 1995. pp. 1-34.

MELO, C. R e SANTOS, M. L. **O que informa a ideologia? Uma análise de deputados e partidos no legislativo brasileiro**. Apresentado no 8º Encontro da ABCP. Gramado, 2012.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil**. 2º Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972

NEVES, Fabrício Jesus Teixeira. **Direita, centro e esquerda no Brasil: Um mapa do realinhamento político-ideológico (1994-2002)**/ Fabrício Jesus Teixeira Neves - Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2005. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS/ Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2005

NISHIMURA, Kátia Mika. Conservadorismo social: opiniões e atitudes no contexto da eleição de 2002. **Opinião Pública**, Campinas, p.339-367, 2004.

Relatório Perfil da Juventude Brasileira. Projeto Juventude/Instituto Cidadania em parceria com o Instituto de Hospitalidade e do Sebrae, 2003

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: Reforma gradual e pacto conservador**. 1º Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____: **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994**. 1º Ed., São Paulo: Edusp, 2000.

TELLES, Helcimara de Souza; STORNI, Tiago Prata. Ideologias, atitudes e decisão de voto em eleitores de direita e de esquerda. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 1, p. 87-146, 2011.

TELLES, Helcimara de Souza; DIAS, Mariana. Condutas políticas, valores e voto dos eleitores jovens de Belo Horizonte. **Revista do Legislativo**, Belo Horizonte, n.º 43, Janeiro de 2010 a Janeiro de 2011, p. 82-103.

TELLES, Helcimara de Souza. Jovens eleitores: decifra-me ou te devoro. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.2, n.º 11, p.22-27, Nov. 2010.

SITES e REPORTAGENS:

Blog do Nassif. <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-movimento-endireita-brasil-dentro-do-governo-alckmin>

Blog Estandarte. <http://estandarte64.blogspot.com.br/>

Catolicismo. <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=25A0A9F3-3048-313C-2E8E87BF929412D6&mes=Setembro2008>

Estado de São Paulo. <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional.estudante-que-tenta-refundar-a-arena-tem-bolsa-no-prouni,961183,0.htm>

Folha de S. Paulo. <http://acervo.folha.com.br/fsp/2008/07/27/536/>

Gazeta do Povo.

<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1272077>

Jornal do Campus da USP. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/saida-pela-direita-uma-analise-da-uniao-conservadora-crista-sobre-a-usp/>

Lideres.org. <http://www.lideres.org.br/portal/noticia.php?id=5681>

Movimento Endireita Brasil. <http://endireitabrasil.blogspot.com/>

Movimento Federalista. <http://www.federalista.org.br/>

Movimento Libertários. <http://libertarios.org.br/liber>

Observatório Jovem. <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/jovem-sonha-em-obter-emprego-e-casa-pr%C3%B3pria>

Observatório Juvenil.

<http://observatoriojuvenildoavale.blogspot.com.br/2008/08/pesquisa-datafolha-jovem-sculo-xxi.html>

OPAL. Observatório de Partidos Políticos de América Latina. <<<http://americo.usal.es/oir/opal/index.htm>>>. Acessado pela última vez em 20/06/2013.

Portal IG. <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html>

Portal Terra. <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/estudante-lidera-movimento-para-refundar-partido-do-regime-militar,29581cc32a55b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

Pragmatismo Político – Sementes Reacionárias dos Jovens Conservadores. <<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/01/sementes-reacionarias-jovens-conservadores-carinho-pelo-passado-autoritario.html>>>

Revista Carta Capital. <http://www.cartacapital.com.br/politica/diario-oficial-publica-estatuto-e-programa-do-arena/>

Revista Época. <http://epocasaopaulo.globo.com/vida-urbana/quem-sao-e-o-que-pensam-os-jovens-militantes-de-direita-que-fazem-usp/>

Revista VEJA. <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-incrivel-caso-do-pais-sem-direita>

UNB Conservadora <<<http://unbconservadora.blogspot.com.br/>>>

União Conservadora Nacional <<<http://uniaiconservadoracrista.blogspot.com.br/>>>